

HEATHER MORRIS

A VIAGEM DE

CILKA

Tradução

Petê Rissatti



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Heather Morris, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *Cilka's Journey*

Preparação: Laura Folgueira
Revisão: Barbara Parente e Mariana Rimoli
Diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Nick Stearn
Imagem de capa: Sputnik/Alamy Stock Photo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Morris, Heather
A viagem de Cilka / Heather Morris; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2020.
304 p.

ISBN: 978-85-422-1906-7
Título original: *Cilka's Journey*

1. Ficção inglesa 2. Auschwitz (Campo de concentração) - Ficção 3. Guerra
Mundial, 1939-1945 - Ficção I. Título II. Rissatti, Petê

20-1383

CDD 823

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

Campo de concentração de Auschwitz, 27 de janeiro de 1945

Cilka encara o soldado em pé a sua frente, parte do Exército que havia entrado no campo. Ele fala alguma coisa em russo, depois em alemão. O soldado está diante da garota de dezoito anos. “*Du bist frei.*” Você está livre. Ela não sabe se realmente ouviu as palavras dele. Os únicos russos que Cilka tinha visto antes daquele momento, no campo de concentração, eram macilentos, mortos de fome – prisioneiros de guerra.

Seria possível que a liberdade existisse? Seria possível aquele pesadelo terminar?

Como ela não reage, ele se curva e pousa as mãos nos ombros dela. Ela se encolhe.

Ele rapidamente afasta as mãos.

— Desculpe, não quis assustá-la — ele continua, em alemão hesitante. Balançando a cabeça, parece concluir que ela não o compreende. Faz um gesto largo e lentamente repete as palavras. — Você está livre. Está em segurança. Somos o Exército Soviético e estamos aqui para ajudá-la.

— Entendi — sussurra Cilka, apertando o casaco que esconde sua compleição pequenina.

— Você entende russo?

Cilka meneia a cabeça, concordando. Ela cresceu falando um dialeto eslavo oriental, o ruteno.

— Qual é o seu nome? — ele pergunta com gentileza.

Cilka ergue os olhos e fita os do soldado, dizendo em voz clara:

— Meu nome é Cecília Klein, mas meus amigos me chamam de Cilka.

— Que nome bonito — comenta ele. É estranho estar olhando um homem que não seja um de seus captores e que esteja tão saudável. Seus olhos

claros, as maçãs do rosto cheias, o cabelo claro saindo debaixo do quepe. — De onde você é, Cilka Klein?

As lembranças de sua antiga vida haviam esvanecido, ficando turvas. Em algum momento, tornou-se doloroso demais lembrar que sua vida antiga, com sua família, em Bardejov, existiu.

— Vim da Tchecoslováquia — diz ela com voz trêmula.

Campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, fevereiro de 1945

Cilka está sentada no barracão, o mais perto possível de uma fornalha que emana calor. Ela sabe que já chamou atenção. As outras mulheres saudáveis, inclusive suas amigas, tinham sido forçadas pela SS a marchar para fora do campo semanas antes. Os prisioneiros remanescentes estão esqueléticos e adoentados ou são crianças. E há Cilka. Todos deveriam ter sido fuzilados, mas, na pressa de escaparem, os nazistas os abandonaram à própria sorte.

Outros oficiais uniram-se aos soldados – agentes da contrainteligência, segundo Cilka ouviu, embora não tenha certeza do que isso significa – para administrar uma situação para a qual o soldado comum não tinha treinamento. A agência soviética recebeu a tarefa de manter a lei e a ordem, especialmente no que dizia respeito a qualquer ameaça ao Estado Soviético. Seu papel, assim ela soube pelos soldados, é questionar cada prisioneiro para determinar sua situação quanto à prisão, em especial se colaboraram ou trabalharam com os nazistas. O Exército Alemão batendo em retirada é considerado inimigo do Estado da União Soviética, e qualquer um que possa estar ligado a ele é, por sua vez, inimigo da União Soviética.

Um soldado entra no barracão.

— Venha comigo — diz ele, apontando para Cilka. Ao mesmo tempo, uma mão agarra seu braço direito, puxando-a para ficar em pé. Várias semanas se passaram, e ver os outros sendo levados para interrogatório havia se tornado parte da rotina do bloco. Para Cilka, é apenas “sua vez”. Ela tem dezoito anos e só espera que possam enxergar que ela não teve escolha a não ser fazer o que fez para sobreviver. Não havia escolha a não ser a morte. Pode apenas esperar que logo consiga voltar para casa na Tchecoslováquia, que encontre um caminho a seguir.

Quando é levada para o prédio que o Exército Soviético está usando como quartel-general, Cilka tenta sorrir para os quatro homens sentados diante dela

do outro lado da sala. Eles estão ali para punir seus captores malvados, não a ela. É um tempo bom, não haverá mais perdas. Ninguém retribui seu sorriso. Ela nota que os uniformes são um pouco diferentes daqueles dos soldados lá de fora. Há dragonas azuis no alto dos ombros, e os quepes pousados sobre a mesa à sua frente têm uma fita no mesmo tom azul, com uma faixa vermelha.

Um deles acaba sorrindo para ela e fala em uma voz gentil.

— Você poderia nos falar seu nome?

— Cecília Klein.

— De onde você vem, Cecília? Seu país e a cidade.

— Sou de Bardejov, na Tchecoslováquia.

— Sua data de nascimento?

— Dezesete de março de 1926.

— Há quanto tempo está aqui?

— Cheguei aqui no dia 23 de abril de 1942, logo depois de fazer dezesseis anos.

O agente faz uma pausa, examinando-a.

— Faz bastante tempo.

— Uma eternidade aqui dentro.

— O que tem feito aqui desde abril de 1942?

— Tenho sobrevivido.

— Sim, mas como sobreviveu? — Ele inclina a cabeça para ela. — Você não parece subalimentada.

Cilka não responde, mas corre a mão pelos cabelos, que ela tosquiou sozinha semanas atrás, depois de suas amigas terem sido levadas do campo.

— Você trabalhou?

— Trabalhei para sobreviver.

Os quatro homens trocam olhares. Um deles pega um pedaço de papel e finge lê-lo antes de falar.

— Temos um relatório sobre você, Cecília Klein, que diz que você na verdade sobreviveu se prostituindo para o inimigo.

Cilka não diz nada, engole em seco, olha de um homem para outro, tentando imaginar o que estão dizendo, o que esperam que ela responda.

Outro deles fala.

— É uma questão simples. Você fodia com nazistas?

— Eles eram meus inimigos. Eu era prisioneira aqui.

— Mas você fodia com nazistas? Disseram que sim.

— Como muitas outras aqui, fui forçada a fazer o que mandavam aqueles que me aprisionaram.

O primeiro agente se levanta.

— Cecilia Klein, vamos enviá-la para Cracóvia e lá seu destino será determinado.

Nesse momento, ele se recusa a olhá-la.

— Não — diz Cilka, levantando-se. Não pode estar acontecendo. — Vocês não podem fazer isso comigo! Sou prisioneira aqui.

Um dos homens, que não tinha falado antes, pergunta em voz baixa:

— Você fala alemão?

— Sim, um pouco. Estou aqui faz três anos.

— E você fala muitas outras línguas, pelo que soubemos, embora seja tchecoslovaca.

Cilka não protesta, franze a testa, sem entender o que aquilo significa. Ela tinha aprendido alguns idiomas na escola, outros havia adquirido estando ali.

Os homens trocam olhares.

— Como fala outros idiomas, acreditamos que você seja uma espiã, presente aqui para fazer relatos a quem pagasse por suas informações. Isso será investigado em Cracóvia.

— Pode esperar uma longa sentença de trabalhos forçados — diz o primeiro oficial.

Leva um momento para Cilka reagir, e em seguida ela é agarrada pelo braço pelo soldado que a levava até aquela sala e arrastada para fora, gritando sua inocência.

— Eu fui forçada, fui estuprada! Não! Por favor!

Mas os soldados não reagem; parecem não ouvir. Seguem para a próxima pessoa.

Prisão de Montelupich, Cracóvia, julho de 1945

Cilka está agachada no canto de uma cela úmida e fedorenta.

Luta para registrar o passar do tempo. Dias, semanas, meses.

Não conversa com as mulheres ao redor. Qualquer uma que converse e seja ouvida pelos guardas é levada para fora e trazida de volta com escoriações e as roupas rasgadas. *Fique quieta, fique pequenina*, ela diz a si mesma, até saber o que está acontecendo e quais são as coisas corretas a dizer ou fazer. Ela rasga um pedaço de seu vestido para amarrar ao redor do nariz e da boca em uma tentativa de minimizar o fedor de detritos humanos, umidade e podridão.

Um dia, eles a levam para fora da cela. Desmaiando de fome e exausta pelo esforço da vigília, as figuras dos guardas e a parede e o assoalho, tudo lhe parece incorpóreo, como em um sonho. Ela está em pé em um corredor, em uma fila atrás de outras prisioneiras, lentamente se movendo na direção de uma porta. Consegue recostar-se por um momento contra uma parede morna e seca. Eles mantêm os corredores aquecidos para os guardas, mas não as celas. E embora o clima lá fora deva estar ameno no momento, a prisão parece reter o frio da noite e mantê-lo durante o dia seguinte inteiro.

Quando é a sua vez, Cilka entra em uma sala onde um oficial está sentado atrás de uma mesa, seu rosto banhado pela luz esverdeada de uma única luminária. Os oficiais ao lado da porta indicam que ela tem que ir até a mesa.

O oficial olha para um pedaço de papel.

— Cecilia Klein?

Ela olha ao redor. Está sozinha na sala com três homens corpulentos.

— Sim?

Ele olha de novo para baixo e lê no papel.

— Você foi condenada por trabalhar com o inimigo, como prostituta, e, além disso, como espiã. Foi sentenciada a quinze anos de trabalhos forçados.

— Ele assina o pedaço de papel. — Deve assinar este documento para confirmar que entendeu.

Cilka entendeu todas as palavras do oficial. Ele falava alemão, e não russo. *Então, é um truque?*, pensa. Ela sente os olhos dos homens à porta sobre ela. Sabe que precisa fazer alguma coisa. Parece não ter escolha além de seguir em frente.

O oficial vira o papel e aponta para uma linha pontilhada. As letras acima estão em cirílico, o alfabeto russo. De novo, como Cilka havia vivenciado várias vezes em sua jovem vida, ela se vê com duas opções: uma, o caminho estreito que se abre diante dela; a outra, a morte.

O oficial entrega a caneta para ela, e em seguida olha na direção da porta, entediado, esperando a próxima pessoa na fila — está apenas fazendo seu trabalho.

Com mão trêmula, Cilka assina o pedaço de papel.

Somente quando é tirada da prisão e empurrada para dentro de um caminhão, ela percebe que o inverno terminou, a primavera nunca existiu e é verão. Embora o calor do sol seja um bálsamo para seu corpo frio, seu corpo ainda vivo, o brilho fere os olhos. Antes que ela tenha a chance de ajustá-los, o caminhão para bruscamente. Ali, diante dela, há outro vagão em um trem de gado pintado de vermelho.

Um trem para o gulag de Vorkuta, Sibéria, 160 km a norte do Círculo Polar Ártico, julho de 1945

O assoalho do vagão de trem fechado está coberto de palha, e cada prisioneira tenta garantir um pequeno espaço para se sentar. Mulheres mais velhas gemem, bebês choramingam. O som de mulheres sofrendo – Cilka esperava nunca ter de ouvi-lo de novo. O trem está parado na estação há horas, o calor do dia transformando o compartimento em um forno. O balde de água que elas compartilham logo se esvazia. Os gritos de crianças se tornam deploráveis e secos; às velhas resta balançar-se para a frente e para trás em um transe. Cilka posta-se contra a parede e se conforta com filetes de ar que passam por pequenas fissuras. Uma mulher recosta-se nela de um lado, as costas batendo com força contra seus joelhos dobrados. Cilka deixa que ela fique ali. Não há motivo para brigar por um espaço que não existe.

Cilka sente que a noite caiu quando o trem dá o primeiro sacolejo, sua locomotiva lutando para puxar um número desconhecido de vagões para longe de Cracóvia, para longe, ao que parece, de qualquer esperança de voltar para casa.

Então, ela se permite apenas um momento de esperança, sentada naquele bloco, naquele *outro lugar*, esperando. Ela não devia ter ousado. Está destinada a ser punida. Talvez seja o que merece. Mas, quando o trem ganha velocidade, ela jura que nunca, nunca vai terminar em um lugar como o Bloco 25 novamente.

Deve haver mais maneiras de sobreviver que não testemunhando tanta morte.

Será que algum dia ela saberá se suas amigas, que foram forçadas a marchar para fora do campo, foram levadas para um lugar seguro? Tem que ter sido assim. Ela não suporta pensar que não.

Enquanto o ritmo do trem embala as crianças e os bebês até que eles durmam, o silêncio é rompido pelo uivo de uma mãe jovem segurando um bebê macilento nos braços. A criança morreu.

Cilka imagina o que as outras mulheres fizeram para acabar aqui. São judias também? As mulheres na prisão, em sua maioria, não eram, conforme as informações que ela recolheu ao espreitar várias conversas. Ela imagina aonde estão indo. Por algum milagre, cochila.

Uma freada repentina do trem lança as passageiras para todos os lados. Cabeças batem, membros se torcem e suas donas gritam de dor. Cilka segura-se à mulher que passou a noite recostada nela.

— Chegamos — alguém diz.

Mas aonde?

Cilka ouve as portas dos vagões se abrindo com clangores, mas ninguém sai dos compartimentos. A porta do vagão é aberta com tudo. De novo, o brilho forte do sol fere os olhos de Cilka.

Dois soldados estão em pé do lado de fora. Um entrega um balde de água para mãos estendidas. O segundo joga vários pedaços de pão antes de fechar a porta com estrondo. A penumbra envolve-as de novo. Uma luta irrompe enquanto as mulheres se debatem por um pedaço de pão. Uma cena familiar demais para Cilka. A gritaria intensifica-se até que, finalmente, uma mulher mais velha se levanta e ergue as mãos, sem dizer nada, e mesmo na semiescuridão sua postura preenche o espaço e é poderosa. Todas se calam.

— Vamos dividir — diz ela com uma voz de autoridade. — Quantos filões temos?

Cinco mãos estão erguidas, indicando o número de filões de pão que têm para compartilhar.

— Deem primeiro às crianças, e o restante vamos compartilhar. Aquelas que ficarem sem serão as primeiras a comer da próxima vez. De acordo?

As mulheres com o pão começaram a parti-lo em porções menores, entregando-os às mães. Cilka fica sem. Ela fica preocupada. Não sabe se é boa ideia dar comida às crianças se o lugar aonde elas estão indo for como onde ela esteve. Será um desperdício. Ela sabe que é um pensamento terrível.

O trem fica parado por várias horas. As mulheres e crianças ficam de novo em silêncio.

O silêncio é rompido pelos gritos de uma garota. Enquanto todas ao redor dela tentam aquietá-la para descobrir o que está errado, ela soluça, erguendo a mão coberta de sangue. Cilka consegue vê-la à luz trêmula que passa pelas frestas.

— Estou morrendo.

Uma mulher perto dela olha para o sangue que mancha seu vestido.

— São as regras — diz. — Ela está bem, não está morrendo.

A garota continua a soluçar.

A moça que está recostada nas pernas de Cilka, um pouco mais jovem que ela e usando um vestido de verão parecido com o seu se move para se levantar e pergunta.

— Qual seu nome?

— Ana — choraminga a garota.

— Ana, sou Josie. Vamos cuidar de você — diz ela, olhando ao redor no compartimento. — Não vamos?

As mulheres murmuram seu consentimento, meneando a cabeça.

Uma das mulheres segura o rosto da garota entre as mãos e a puxa para perto do seu.

— Você nunca teve um sangramento mensal antes?

A garota faz que não com a cabeça. A mais velha puxa-a contra o peito, balançando-a, acalmando-a. Cilka experimenta uma pontada estranha e nostálgica.

— Você não está morrendo, está virando mulher.

Algumas das mulheres já estão rasgando pedaços de suas vestimentas, tirando partes da barra dos vestidos e passando-as adiante para a mulher que cuida da menina.

O trem sacode para a frente, levando Josie ao chão. Uma risadinha escapa dela. Cilka não consegue evitar e ri também. Elas fitam os olhos uma da outra. Josie parece um pouco com sua amiga Gita. Olhos e cílios castanhos, uma boca pequena, bonita.

Muitas horas depois, elas param de novo. Água e pão são lançados para dentro. Dessa vez, a parada inclui uma análise adicional, e a jovem mãe é forçada a entregar a criança morta aos soldados. Precisam segurá-la para que não tente deixar o compartimento com o filho morto. A batida da porta faz com que ela silencie enquanto a ajudam a chegar a um canto para chorar sua perda.

Cilka nota como Josie observa tudo atentamente, com a mão cobrindo a boca.

— Josie, não é? — pergunta Cilka à garota que está recostada nela desde que entraram no trem. Ela pergunta em polonês, o idioma que ouviu a garota usando.

— Sim. — Josie manobra devagar para girar o corpo de forma que fiquem joelho a joelho.

— Sou Cilka.

Aquele início de conversa parece incentivar outras mulheres. Cilka as ouve perguntando o nome das vizinhas, e logo o compartimento se enche com conversas sussurradas. Idiomas são identificados, e uma troca de lugares acontece para juntar as nacionalidades. Histórias são partilhadas. Uma mulher foi acusada de ajudar os nazistas por permitir que eles comprassem pão de sua padaria na Polônia. Outra foi presa por traduzir propaganda alemã. Outra ainda foi capturada pelos nazistas e, ao ser pega com eles, foi acusada de ser sua espiã. Por incrível que pareça, há estouros de risadas entre as lágrimas quando cada mulher compartilha como acabou naquela aflição. Algumas mulheres confirmam que o trem está a caminho de um campo de trabalhos forçados, mas não sabem onde.

Josie diz a Cilka que é de Cracóvia e que tem dezesseis anos. Cilka abre a boca para falar sua idade e seu local de nascimento, mas, antes que consiga, uma mulher próxima declara em voz alta:

— Eu sei por que ela está aqui.

— Deixe-a em paz — vem da mulher mais velha e forte que sugeriu compartilhar o pão.

— Mas eu a vi, vestida em um casaco de peles no meio do inverno, enquanto nós estávamos morrendo de frio.

Cilka permanece em silêncio. Um calor sobe por seu pescoço. Ela ergue a cabeça e encara sua acusadora. Um olhar que a mulher não consegue enfrentar. Ela a reconhece vagamente. Não era uma de suas antigas companheiras em Birkenau? Não tinha um trabalho confortável no aquecido prédio da administração?

— E você, você que quer acusá-la — diz a mulher mais velha —, por que está aqui, neste vagão luxuoso conosco em nossas férias de verão?

— Nada, não fiz nada — responde ela, baixinho.

— Ninguém fez nada — diz Josie com veemência, defendendo a nova amiga.

Cilka cerra os dentes enquanto se afasta da mulher.

Consegue sentir os olhos gentis e tranquilizadores de Josie em seu rosto.

Cilka lança um sorriso esmaecido para ela antes de virar a cabeça para a parede, fechando os olhos, tentando bloquear a lembrança repentina, que a inunda, de Schwarzhuber — o oficial responsável por Birkenau —, em pé sobre ela, naquele quartinho, desafiando o cinto, com os sons de mulheres chorando do outro lado daquela parede.

* * *

Na parada seguinte do trem, Cilka recebe sua porção de pão. Instintivamente, come metade e esconde o restante dentro do vestido. Olha ao redor, temerosa de que alguém a possa estar observando e tente tirá-lo dela. Ela se vira de volta para a parede, fechando os olhos.

De algum jeito, ela dorme.

Quando volta a acordar, surpreende-se com a presença de Josie bem diante dela. Josie estende a mão e toca os cabelos de Cilka, cortados bem rentes à cabeça. Cilka tenta resistir à vontade automática de empurrá-la para longe.

— Amei seu cabelo — diz Josie com voz triste, cansada.

Relaxando, Cilka estende a mão e toca o cabelo tosquiado da garota mais jovem.

— Gosto do seu também.

Cilka havia raspado os cabelos e tirado os piolhos na prisão fazia pouco tempo. Para ela, é um processo familiar, pois via acontecer com muita frequência com as prisioneiras daquele *outro lugar*, mas acha que é novidade para Josie.

Desesperada para mudar de assunto, ela pergunta:

— Você está aqui com alguém?

— Com minha avó.

Cilka segue os olhos de Josie para a mulher mais velha e corajosa que havia falado antes, ainda com um braço ao redor da menina Ana. Está observando as duas com atenção. Elas trocam um meneio de cabeça.

— Talvez você queira ficar mais perto dela — diz.

No lugar para onde elas estão indo, a mulher mais velha talvez não dure muito.

— Eu deveria. Talvez ela esteja assustada.

— Você tem razão. Eu também estou — diz Cilka.

— Sério? Você não parece assustada.

— Ah, eu estou. Se quiser conversar de novo, estarei aqui.

Josie caminha com cuidado, desviando das mulheres que estão entre Cilka e sua avó. Cilka olha através dos feixes de luz que entram na carruagem. Um pequeno sorriso abre-se quando ela vê e sente as mulheres se remexerem para acomodar sua nova amiga.

* * *

— Já são nove dias, eu acho. Estava contando. Quanto tempo mais? — murmura Josie para ninguém em particular.

Há mais espaço no compartimento agora. Cilka fez a contagem de mortas, doentes, esfaimadas ou feridas em seus interrogatórios anteriores, os corpos removidos quando o trem para por pão e água. Onze adultas, quatro crianças. Às vezes, alguma fruta é lançada com as cascas secas de pão, que Cilka viu as mães amaciarem na boca para as crianças.

Josie agora está deitada e enrodilhada ao lado de Cilka, a cabeça pousada em seu colo. Seu sono é agitado. Cilka conhece as imagens que devem estar passando por sua mente. Alguns dias antes, a avó de Josie faleceu. Parecia forte e corajosa, mas começou a tossir cada vez pior, a tremer, e em seguida recusou sua porção de comida. E então a tosse parou.

Cilka observou Josie em pé, emudecida, à porta do compartimento enquanto o corpo da avó era bruscamente entregue para guardas que o esperavam. Sentiu uma dor física tão intensa que teve que se curvar, perdendo todo o fôlego. Mas nenhum som nem lágrimas brotaram.

Auschwitz, 1942

Centenas de garotas são conduzidas de Auschwitz a Birkenau em um dia quente de verão. Quatro quilômetros. Uma marcha lenta, aflita para muitas que calçavam botas inadequadas, ou pior, estavam sem calçado. Quando passam pela grande e imponente arcada de tijolos, veem a construção de blocos. Homens que trabalham ali param para encarar horrorizados as recém-chegadas. Cilka e sua irmã Magda estavam em Auschwitz havia três meses, trabalhando entre outras garotas eslovacas.

Elas são desviadas da estrada principal através do campo até uma área cercada com vários prédios completos e outros em construção. São paradas e mantidas em filas enquanto o sol se abate sobre elas pelo que parecem horas.

Elas ouvem uma comoção. Cilka olha para trás, para a entrada do campo das mulheres, e vê um oficial sênior, seguido por um séquito de homens, caminhar até as fileiras de garotas. A maioria delas mantém a cabeça abaixada. Menos Cilka. Ela quer ver quem garante a proteção de um grupo de garotas desarmadas e indefesas.

— Obersturmführer Schwarzhuber — diz um guarda, cumprimentando o oficial sênior. — O senhor vai supervisionar a seleção hoje?

— Vou.

O oficial sênior Schwarzhuber continua a caminhar pelas fileiras de garotas e mulheres. Para por um instante quando passa por Cilka e Magda. Quando chega à frente da fila, ele se vira e volta. Dessa vez, consegue ver os rostos abaixados. Às vezes, usa sua varinha de equitação para empurrar um queixo e erguer o rosto de uma garota.

Ele está se aproximando. Para ao lado de Cilka, Magda está atrás dela. Ergue a varinha. Cilka empurra a varinha e ergue o queixo para o alto, olhando diretamente para ele. Se ela puder atrair a atenção dele, ele vai ignorar sua irmã. Ele estende a mão e ergue o braço esquerdo dela, aparentemente para olhar os números que estão desaparecendo da pele. Cilka ouve a inspiração forte de Magda atrás dela. Schwarzhuber solta o braço dela, volta para a frente da fila, e Cilka percebe como ele fala com o oficial da SS ao seu lado.

* * *

Elas foram ordenadas de novo. Esquerda, direita; corações palpitando, corpos curvados de medo. Cilka e Magda foram escolhidas para viver mais um dia. Agora estão em fila para serem dolorosamente marcadas de novo – terem suas tatuagens refeitas para que nunca se apaguem. Estão próximas, mas não se tocam, embora queiram desesperadamente confortar uma à outra. Sussurram enquanto esperam, consolando-se, questionando-se.

Cilka conta o número de garotas à sua frente. Cinco. Logo será sua vez, e depois a de Magda. De novo, ela entregará o braço esquerdo para alguém marcar os números azuis borrados em sua pele. Primeiro ela foi marcada ao entrar em Auschwitz, três meses antes, agora de novo, depois de ser mais uma vez selecionada para o novo campo, Auschwitz II: Birkenau. Ela começa a tremer. É verão, o sol se despeja sobre ela, escorchante. Ela teme a dor que logo vai sofrer. Da primeira vez, ela gritou em choque. Dessa vez, diz a si mesma que vai permanecer em silêncio. Embora tenha apenas dezesseis anos, não pode mais se comportar como uma criança.

Espreitando a fileira de garotas, ela enxerga o Tätowierer. Ele fita os olhos da garota cujo braço está segurando. Ela o vê pousando um dedo sobre os lábios, psiu. Ele sorri para ela. Abaixa os olhos para o chão quando a garota se afasta, em seguida ergue os olhos para observá-la seguindo em frente. Ele toma o braço da próxima garota na fila e não vê que a garota anterior se vira para olhá-lo.

Quatro. Três. Duas. Uma. É sua vez agora. Ela olha para Magda lá atrás, de forma rápida e tranquilizadora, em seguida avança. Fica diante do Tätowierer, seu braço esquerdo junto à lateral do corpo. Ele estende a mão e, com suavidade,

ergue o braço dela. Ela se surpreende ao soltar-se dele, uma reação quase inconsciente, fazendo com que o tatuador olhe para ela, para dentro de seus olhos, que ela sabe que estão cheios de ódio, nojo por ter que ser maculada de novo.

— Desculpe, desculpe — sussurra ele gentilmente para ela. — Por favor, me dê seu braço.

Momentos se passam. Ele não tenta tocá-la. Ela ergue o braço e o oferece para ele.

— Obrigado — ele fala sem emitir som. — Vai acabar rápido.

Com sangue pingando do braço, embora não tanto quanto da última vez, Cilka sussurra: “Seja gentil com a minha irmã”, antes de continuar tão lentamente quanto pode para que Magda possa alcançá-la. Curiosa, ela procura a garota que estava à sua frente. Olha para o Tätowierer lá atrás. Ele não notou quando ela se afastou. Ela vê a garota que estava cinco lugares à sua frente na fila em pé diante do Bloco 29 e se junta a ela e às outras que aguardam para serem admitidas em seu novo “lar”. Examina a garota. Mesmo com a cabeça raspada, com o vestido largo escondendo as possíveis curvas que tem ou alguma vez teve, ela é bonita. Seus grandes olhos escuros não mostram sinais do desespero que Cilka tinha visto em tantas mulheres. Ela quer conhecer aquela garota que o Tätowierer encarou. Logo Magda se junta a ela, encolhendo-se pela dor da tatuagem. Elas ficam por um tempo fora da visão dos guardas, e Cilka pega a mão da irmã.

Naquela noite, enquanto as garotas do Barracão 29 encontram um espaço em um beliche dividido entre muitas e cuidadosamente perguntam umas às outras: “De onde você é?”, Cilka fica sabendo que o nome da garota é Gita. Ela vem de um vilarejo na Eslováquia, não muito longe da cidade de Cilka e Magda, Bardejov. Gita apresenta Cilka e Magda a suas amigas, Dana e Ivanka.

No dia seguinte, depois da chamada, as garotas são enviadas para a área de trabalho. Cilka é separada, e não enviada para trabalhar no Kanada como as outras, onde elas separam pertences, joias e relíquias familiares trazidos a Auschwitz pelos prisioneiros e preparam grande parte deles para devolvê-los à Alemanha. Em vez disso, por um pedido especial, ela deve se apresentar no prédio da administração, onde vai trabalhar.